

Domingo, 22 de Fevereiro de 1959

RUBEM BRAGA

PASSARINHOS

ONTEM falei do naturalista Ruschi. É aquele homem que cria beija-flôres (foi o primeiro sujeito no mundo que conseguiu isso) e que tem espalhado beija-flôres pelo Brasil e pelo mundo. Visitei-o outro dia em Santa Teresa (três horas de automóvel para o Norte de Vitória, no Espírito Santo) e conversamos sobre aves. Ele me contou que ficou indignado quando leu nos jornais que para aquele banquete da posse do presidente Juscelino o governo importara não sei quantas centenas de faisões da Europa. Os faisões, me explicou, são do Oriente, e é muito mais fácil criá-los no Brasil que na Europa. Já há quem crie no Brasil, ele mesmo sempre teve alguns casais. Entendeu-se com um amigo que vive em Teresópolis e organizou para ele uma criação de faisões; para o primeiro banquete de Brasília-capital promete dar de presente tantas centenas de faisões quantas forem necessárias.

Perguntei a Ruschi se a carne do faisão é tão boa mesmo, ele disse: «é; parece a do macuco». Então começamos a conversar sobre macuco, jacu, mutum, essas aves que estão sumindo do Brasil; perguntei se não era possível criá-las, ele disse que é facilíssimo. A conversa passou depois para bicudo. O bicudo, passarinho de gaiola dos mais queridos do Brasil (há uma confraria secreta de amigos do bicudo, da qual faz parte, por exemplo, o editor José Olímpio) é um bicho que nunca ninguém criou em cativeiro, mesmo porque geralmente só se caça o macho. Ruschi me explica que em gaiola bicudo não se cria mesmo, ele precisa de algum espaço para seu vôo nupcial, como acontece com outros pássaros. A espécie tende a desaparecer com rapidez inclusive porque o bicudo é... monógamo. A fêmea põe duas vezes ao ano, sempre um casal; se um dos machos morre por algum motivo, ou é caçado, as fêmeas que sobram não se reproduzem.

Por que não fazer então uma criação de bicudo? Vale a pena: por menos de três contos não se compra hoje no Brasil um bicudo já «virado» que preste. E, já que existe o Ruschi, por não criar também corrupeiros, xexéus, curiós, graúncas, tanto pássaro encantador que o Brasil tem e está se acabando? Apelo para os amantes de passarinhos brasileiros que tiverem algum espaço e algum dinheiro: escrevam para o dr. Augusto Ruschi, Santa Teresa, Estado do Espírito Santo, peçam a ele instruções para criar passarinhos. Não é triste criar apenas canarinhos belgas e rollers quando alguns de nossos pássaros mais canoros, mais engraçados e mais amigos do homem estão ameaçados de acabar para sempre? Escrevam ao Ruschi; ele ficará danado comigo, mas, apaixonado como é por essas coisas, não terá coragem de negar ajuda a ninguém.